



GLOBALIZAÇÃO X EXCLUSÃO

Se há anos perguntássemos acerca das expectativas da população para o mundo no ano 2000, não seria árdua tarefa nos depararmos com as mais fantasiosas projeções, o mundo seria um desenho animado futurista. Robôs conviveriam como os humanos, desempenhariam tarefas domésticas impecavelmente e até arrumariam a gola das camisas dos patrões antes que estes se dirigissem ao trabalho. Hoje, já no terceiro milênio, a constatação da miséria e das desigualdades sociais, políticas e tecnológicas entre povos e nações faz-nos crer que as projeções do passado se destacam da realidade.

A comunidade científica tem caminhado a passos largos em direção a importantíssimas descobertas nas últimas décadas. A concretização do projeto Genoma deflagra infinitos avanços desde os primeiros estudos mendelianos e aponta para uma transformação ideológica porque põe em pauta temas polêmicos como a seleção artificial. O desenvolvimento e o uso de satélites de ponta criaram o fenômeno da simultaneidade, e, aparentemente, os meios de comunicação e redes colocam o homem sob a condição de cidadão do mundo. Apesar de todos esses pontos, que evidentemente convergem para as ditas projeções futuristas, há questões centrais: a quem se destina essa tecnologia? Quem dela usufrui? De quem é poder?

Seria em demasia ingênuo acreditar que a população mundial goza das mesmas condições de vida e que todas essas conquistas humanas são acessadas de forma igualitária. Estabelece-se uma dialética, e um abismo se entrepõe ante o desenvolvimento e a exclusão, a riqueza e a marginalização. São milhões de famintos pelo mundo, pessoas que sequer se sentaram em bancos escolares e que, submetidas a condições subumanas, não podem exercer sua cidadania nem reivindicar o que lhes é de direito. A mesma relação se estende a países, tendo-

se em vista que há a supremacia de uma minoria que explora as demais nações, política e economicamente. O regionalismo evidente na formação dos denominados “blocos econômicos” entre os países divide o mundo em ricos e pobres, e a exclusão é inerente a esse processo. Globalização? Inexistência de fronteiras? As respostas a essas indagações requerem ponderações. Sem sermos maniqueístas, é impossível afirmar que humanidade evolui e ultrapassa barreiras.

Diego M. Klemtz
3º Ano do Médio / Itapema
2002